JORNADA DE UM CINEASTA EM BUSCA DE ENTENDIMENTO

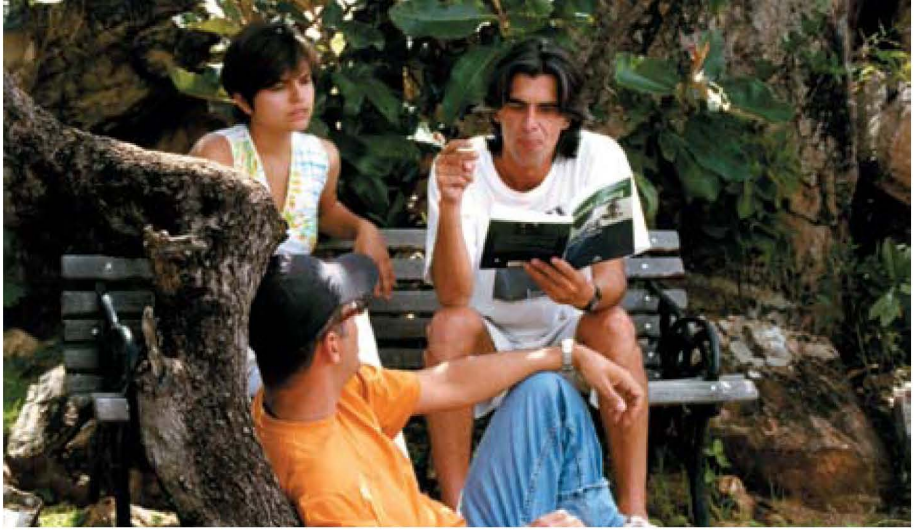
por Carlos Alberto Mattos

As primeiras imagens de *Sagrado segredo* mostram um menino levado pela mão da mãe ao interior de uma igreja e a impressão forte que lhe causam os quadros da Via Sacra. É uma visão capaz de deixar ecos por uma vida inteira, tal a dramaticidade das imagens do sofrimento de Cristo, da violência dos soldados e da penalização dos assistentes. Dali cortamos diretamente para uma versão em carne e osso das mesmas cenas, conforme interpretadas pelo Grupo Via Sacra ao Vivo de Planaltina (DF). Os atores revivem o julgamento e a crucificação de Cristo perante uma plateia de milhares que os assistem com olhar contrito ou emocionado.

Essa simples justaposição das duas vias sacras já contém o "sagrado segredo" do filme de André Luiz de Oliveira. Estamos confrontando uma experiência individual e direta do texto bíblico com a recepção coletiva de uma representação mediada pelo teatro. Passamos também de uma provável reminiscência autobiográfica para a filmagem de uma representação com todas as liberdades do espetáculo: os cortes rápidos, a fotografia estetizada, a música e os efeitos sonoros bem audíveis.

Pouco depois veremos entrar uma terceira camada narrativa, composta por uma equipe de cinema interessada em fazer um ensaio documental sobre a encenação do grupo. O diretor (Guilherme Reis), evidente *alter ego* de André Luiz, é o mesmo menino que vimos antes na igreja. Com isso fecha-se o círculo da proposta. O que veremos, então, é a jornada de um cineasta em busca de entendimento. O argumento de *Sagrado segredo* reflete buscas alegadas pelo próprio André Luiz, ele que viaja frequentemente à Índia, é exímio tocador de cítara e tem na contracultura uma espécie de religião.

Passado o surto espiritualista de há pouco no cinema brasileiro, vale a pena rever o que distingue esse filme de produções oportunistas e visões caricatas do misticismo. Se não quis repetir os antigos clichês de que "a religião é o ópio do povo", André Luiz tampouco pretendeu fixar uma leitura cândida ou piedosa do fenômeno religioso. Há uma profunda distância entre o título do filme-dentro –do-filme ("Em verdade vos digo") e o título *Sagrado segredo*. O abismo ontológico é muito grande entre a verdade e o segredo, entre o que se anuncia e o que se guarda para si.

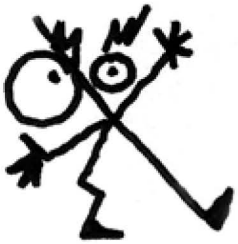


É possível, sim, ver *Sagrado segredo* como um filme de ascese espiritual, enlevado por uma trilha sonora que sacraliza, quase permanentemente, tudo o que passa pela tela. O envolvimento do personagem do diretor com as questões da Paixão de Cristo evoluem no sentido de um encontro místico, simbolizado pelo gesto de baixar a câmera no momento culminante (a morte de Jesus), como se o cinema recuasse diante do sagrado.

Mas também é possível ver o filme como um libelo pela reformulação de crenças religiosas cristalizadas, já que seu esteio teórico é fornecido pelo pensador Amit Goswami, um indiano disposto a reinterpretar o deus dos cristãos. "Deixemos que a verdade seja o que descobrimos", diz ele em momento-chave para acompanharmos essa interpretação da religião à luz da física quântica. As falas de Goswani entram para compor o quarto elemento na construção de *Sagrado segredo*. Seguindo a trilha semeada por ele, pode-se até mesmo ver o filme como uma negação da existência de Deus, tal como o imagina a maioria dos crentes. Ora, se Deus não está separado de nós, e se se manifesta mesmo através de nós, tanto se pode dizer que Ele existe em nós como que não existe, mas somente nós existimos. Esse caminho é transitável até mesmo para ateus materialistas como eu, que veem a religião como um feixe de narrativas míticas e de representações do imaginário. O filme de André Luiz permite, então, que também eu encontre um acesso a seus "mistérios", entendidos como os mistérios da criação. Será a religião passível de ser tratada por uma perspectiva racional e ainda assim manter o seu teor mágico?

Em sua estrutura, *Sagrado segredo* tem certo parentesco com *Ricardo III – Um ensaio*, dirigido por Al Pacino em 1996, e também com *Aquele querido mês de agosto*, do português Miguel Gomes. Além dos depoimentos de Goswami, temos a encenação da Paixão de Cristo de Planaltina (DF), realizada anualmente desde 1973 e que reúne cerca de 200 mil espectadores; uma equipe ficcional de cinema que se organiza para documentar o espetáculo e discute questões na fronteira entre o cinema e a fé religiosa; e ainda, como quinto elemento, o resultado dessa documentação, que faz ecoar o tema principal, qual seja o da fé.

Cada um vê esse filme como quer, mas é certo que seu mote central é o da fé religiosa se confundindo com a fé cênica. Crer no personagem, afinal, é do que tratam tanto a religião como o teatro (o mais clássico, pelo menos). Os atores do Grupo Via Sacra, todos com vida espiritual ativa, dão "testemunhos" em vez de depoimentos ("A fé está em Jesus para o teatro acontecer"). Há mesmo um acento pasoliniano naquela sucessão de rostos populares dos figurantes caracterizados com as vestes de época. A devoção se confunde com a diversão e o sacro tangencia o trivial.



Flipbook de José Araripe Jr.

Por outro lado, as "visões" do personagem do diretor de cinema são como efeitos psicodélicos sobre a cena natural, atalhos para um conhecimento superior assumidos como milagres digitais produzidos na imagem. O sermão do Horto das Oliveiras é ouvido com uma empostação de dublagem de estúdio que tira as palavras de Cristo da sonoridade realista e as coloca no registro do espetáculo. Ao fim e ao cabo, tudo é encenação em *Sagrado segredo*.

Se as discussões da equipe parecem o dado mais superficial e frágil de todo esse arcabouço é justamente porque ali falha a credibilidade da cena. O personagem do diretor pede a confiança de seus auxiliares, mas a afetação artificial dos atores faz com que momentaneamente percamos a fé no trabalho, em seu prejuízo. De resto, André Luiz transita com uma bonita liberdade entre as diversas camadas do filme, embora se mantendo sempre conectado ao seu objetivo básico, que é uma busca de transcendência através do cinema. Melhor dizendo, uma transcendência que tem mesmo a ver com a expressão cinematográfica, entendida essa como um encontro da técnica/ciência com os sentidos profundos da criação.

Não é muito diferente, afinal, do que víamos no seu longa anterior, o memorável *Louco por cinema*, que ganhou o Festival de Brasília em 1995. Ali, um interno de manicômio foge para concluir as filmagens de uma produção marginal inacabada. A perseverança levada às raias da insanidade é a mesma que faz o diretor de cinema em *Sagrado Segredo* se desgarrar de sua equipe na apoteose que coincide com a crucificação de Cristo no espetáculo. O cinema e a representação se impõem como necessidades vitais para além de qualquer regra.

O ícone cristão por excelência, a cruz, já estava presente na primeira e na última imagem do longa de estreia de André Luiz, o *underground Meteorango Kid, herói intergalático* (1969). A condição de crucificado era parte da delirante trajetória de Lula Bom Cabelo, o protagonista. A imagem religiosa, tomada ali num sentido de contestação radical, aqui é recuperada como símbolo de um elogio do encontro e da autodescoberta.

Sagrado segredo tematiza também o encontro frutuoso entre cinema e teatro que tem ocorrido na cena contemporânea brasileira e que já foi objeto de uma edição de Filme Cultura, a de número 56. O filme de André Luiz leva esse diálogo a uma dimensão alegórica extravagante, condizente com a ousadia de seu diretor. ■